

Introdução

Este trabalho foi organizado de maneira a auxiliar a compreensão de diversos conceitos que se entrelaçam. Isso resultou numa estrutura cronologicamente linear. Portanto, o trabalho final não utilizou a teia de conexões (que estruturou nossa reflexão) como modelo para estabelecer a divisão em capítulos e subcapítulos. Acreditamos que, se tivéssemos começado expondo a ilegibilidade pós-modernista e, a partir dela, nos remetido à legibilidade modernista e à ilegibilidade da iluminura medieval, acabaríamos criando um texto labiríntico, hermético e pouco acessível. Desse modo, preferimos empregar uma aparência linear para uma reflexão difusa.

Assim sendo, o trabalho ficou dividido em três capítulos: o primeiro, intitulado Fundamentos, é o menos linear, e nele justificamos a escolha das imagens que nortearão a discussão, bem como apresentamos a metodologia utilizada para abordar essas imagens selecionadas.

O segundo capítulo, Luz e sombra da iluminura, divide-se em duas partes. Na primeira, denominada A iluminura, definimos com precisão o termo "iluminura", que norteará toda a discussão sobre a ilegibilidade. Essa definição exige que nos voltemos para a análise de páginas medievais e, algumas vezes, até mesmo papiros egípcios. Ao olhar crítico contemporâneo poderá parecer que nosso trabalho esteja assumindo a pretensão de contar toda a história da escrita no Ocidente. No entanto, nosso objetivo é justamente o oposto, pois abordamos o passado para nos localizar numa produção extremamente específica a partir da qual colhemos dados visuais relevantes para uma discussão sobre a ilegibilidade.

Na segunda parte desse segundo capítulo, denominada A sombra da iluminura, tentamos dissolver a dicotomia legibilidade (modernista) *versus* ilegibilidade (pós-modernista). Para tanto, damos um salto cronológico que nos leva da Idade Média para o final do século XIX. A discussão se mantém dentro da estrutura linear e, portanto, abordamos quatro momentos distintos e específicos. Primeiro investigamos o poema "Um lance de dados", de Mallarmé, frente à noção de iluminura. Em seguida analisamos o design gráfico suíço dos

anos 50 e a Poesia Concreta brasileira mediante essa mesma noção de iluminura. Ainda atrelado à análise anterior abordamos certas particularidades da relação texto/imagem no período inicial do Neoconcretismo (que não ultrapassa 1961). A experiência gráfica neoconcreta torna-se de vital importância, pois conecta a postura legível modernista à postura ilegível pós-modernista. Finalmente comparamos essas três análises anteriores com alguns exemplos de ilegibilidade encontrados na produção gráfica norte-americana da virada do século XX para o XXI.

O último capítulo, intitulado Motivações para o retorno da iluminura, expõe de modo também linear e cronológico uma questão gráfica localizada nos jornais e manifestos. Este último capítulo retoma a discussão do segundo capítulo por viés menos conceitual e mais pragmático. Tenta, desse modo, explicar a mesma questão sob nova perspectiva.

Achamos necessário justificar nossa opção por uma estrutura cronologicamente linear, na medida em que toda nossa discussão, sobre a iluminura e a ilegibilidade, demonstra a riqueza cognitiva de estruturas não lineares e labirínticas. No entanto, queremos deixar claro que não existe nenhuma falha ética ou estética na linearidade. Estaríamos incorrendo em equívoco caso afirmássemos que essa nossa estrutura linear representa passos evolutivos em direção a um destino ideal ou se nos predisposéssemos ao trabalho hercúleo de relatar toda a história da escrita ocidental. Porém, nem estamos sugerindo qualquer teoria evolucionista da iluminura, nem tampouco escrevemos a história da iluminura. Nossa intenção foi refletir sobre um mecanismo que explica a produção de textos ilegíveis. Desse modo, por se tratar de trabalho acadêmico, consideramos mais conveniente estruturá-lo da maneira com a qual a maioria de nós se sente mais familiarizado.